

PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA DIANTE DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PÓS PANDEMIA

Alisson César da Silva Gama ¹
Kaline Delgado de Almeida Gama ²
Patrícia Cavalcante de Sá Florêncio ³

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou no início de 2020 um surto crescente de pessoas infectadas pelo novo coronavírus, denominado pela comunidade científica por Sars-CoV-2. Em março do mesmo ano já era considerado uma pandemia, pois tinha dimensões de crescente escala global. Com o intuito de minimizar as perdas e preservar vidas, algumas medidas de saúde pública foram efetivadas como: isolamento e cuidados dos pacientes infectados, velocidade nos diagnósticos, terapias, vacinação e prevenções em geral.

Com relação a educação brasileira, de forma excepcional o Ministério da Educação (MEC), autorizou o ensino remoto no país enquanto durar a pandemia da COVID-19, de acordo com art. 31 da resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020, a seguir:

No âmbito dos sistemas de ensino federal, estadual, distrital e municipal, bem como nas secretarias de educação e nas instituições escolares públicas, privadas, comunitárias e confessionais, as atividades pedagógicas não presenciais de que trata esta Resolução poderão ser utilizadas em caráter excepcional, para integralização da carga horária das atividades pedagógicas, no cumprimento das medidas para enfrentamento da pandemia da COVID-19 estabelecidas em protocolos de biossegurança.[...] (BRASIL, 2020, p. 13)

Nesse contexto de atividades pedagógicas não presenciais, as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) surgem, para a comunidade acadêmica, como uma solução rápida e ao mesmo tempo desafiadora em relação ao processo de ensino aprendizagem, uma vez que, em determinados momentos diminuiu distâncias e integrou

¹ Instrutor do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças e Academia da Polícia Militar de Alagoas, E-mail: alissonpmal@gmail.com;

² Professor Efetivo EBTT do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, E-mail: kaline.delgado@ifal.edu.br;

³ Professor Efetivo EBTT do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, E-mail: patricia.florencio@ifal.edu.br.

comunidades, como também, causou efeitos contrários, devido à insuficiências de formação e principalmente a acessibilidade dessas ferramentas digitais.

A relevância da discussão é garantir que as experiências vivenciadas sejam analisadas e projetadas para o período do pós pandemia, de forma que, haja esforços de aperfeiçoamento dos mecanismos emergenciais, por ora, empregados à educação brasileira.

Anteriormente à pandemia, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apontava algumas propostas pedagógicas para as escolas públicas e privadas de educação infantil a ensino médio em todo o Brasil. Ressaltamos algumas das competências gerais da educação básica propostas pela BNCC (BRASIL, 2018, p. 9), abaixo:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e **digital** para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (**inclusive tecnológicas**) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- [...] 5. Compreender, utilizar e criar **tecnologias digitais de informação e comunicação** de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (grifo nosso)

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar as perspectivas do processo de ensino e aprendizagem na educação brasileira pós pandemia, considerando que houve um salto de etapas, a nível de capacitações para utilização das TDIC, e como, anteriormente citado, a falta de acessibilidade para todos que compõem a comunidade acadêmica, frente as constantes inovações.

Há necessidade de ofertar conhecimento e motivação para o desenvolvimento da autonomia dos docentes, outrora, utilizando apenas da metodologia de aulas expositivas dialogadas, bem como, dos discentes com a formatação de responsabilidades na construção e participação do próprio conhecimento.

A pesquisa é essencialmente bibliográfica, principalmente de artigos científicos publicados nesse período de pandemia. Em apertada síntese, não somente a educação, está diante de uma análise tridimensional nesse período vivenciado de pandemia, mas também, outros segmentos da sociedade com o foco na amplitude do pensamento

científico, crítico e social do pós pandemia. O que encontraremos daqui em diante? Quais as perspectivas para a educação?

Serão muitos desafios e cada vez mais, as hipóteses dos problemas devem vir acompanhadas de características democráticas, universais e que consigam integrar toda a sociedade. De forma geral, devemos considerar as TDIC como alinhadas e aprofundar a discussão de maior capacitação a professores e alunos, bem como a oferta de acessibilidade dessas ferramentas.

METODOLOGIA

Através de uma pesquisa bibliográfica, principalmente de artigos científicos publicados nesse período de pandemia, com uma abordagem qualitativa e exploratória. De forma contínua, aconteceu a realização de uma leitura seletiva, organização das ideias, análise com uma formatação mais crítica, esquematização e resumo das informações significativas para aprofundar os objetivos delimitados.

Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos. Portanto, difere da revisão bibliográfica uma vez que vai além da simples observação de dados contidos nas fontes pesquisadas, pois imprime sobre eles a teoria, a compreensão crítica do significado neles existente (LIMA; MIOTO, 2007).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para o educador e filósofo Paulo Freire (2020, p. 24), quando se trata da comunicação entre professor e aluno, pode-se afirmar: “[...] que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”.

Atualmente, essa relação professor e aluno nunca esteve tão evidente, uma vez que, a pandemia tratou inicialmente de separar esse contato físico no processo de ensino aprendizagem. Mas, voltando a afirmação do educador, não se traduz que a transferência de conhecimento somente poderá ser realizada de uma única maneira. O período do ensino remoto evidenciou esse *start* de novas possibilidades.

Mas, a professora Lilian Bacich (2020, p. 2) faz uma observação sobre o alcance das tecnologias digitais, de não apenas se restringir em uma exposição de um conteúdo, e sim, a oferecer a capacidade de realizar conexões. Destarte, a autora, enfatiza esse papel:

Eventualmente, pode considerar o digital como um recurso para a exposição de algum conteúdo, mas as tecnologias digitais precisam ir além desse papel, oferecendo também possibilidade de interação e acompanhamento das aprendizagens individuais ou em pequenos grupos, produção de conhecimentos.

Ir além da perspectiva instrumental das tecnologias, pode favorecer a criação de espaços ricos de significados, de aprendizagem. Âmbitos semióticos que favorecem e estimulam os estudantes a compreender os distintos objetos de aprendizagem, interagindo com eles, questionando, simulando, refletindo, compartilhando com seus pares seus achados, sentindo-se parte do processo. As tecnologias digitais podem contribuir para dá voz aos nossos estudantes, tornando-os protagonistas do processo, atores e autores do seu percurso de aprendizagem (ALVES, 2016).

Bacich e Moran (2018) afirmam que é essencial uma educação que ofereça condições de aprendizagem em contextos de incertezas, desenvolvimento de múltiplos letramentos, questionamento da informação, autonomia para resolução de problemas complexos, convivência com a diversidade, trabalho em grupo, participação ativa nas redes e compartilhamento de tarefas. Enfim, tudo o que os professores e alunos passaram a viver de uma hora para outra com a mudança para o ensino remoto.

Toda essa ruptura nos faz refletir sobre a necessidade de uma evolução do ensino tradicional centrado no professor para um modelo centrado no aluno, incentivando o seu protagonismo e autonomia e ver como esse aluno está sentindo esse momento de mudança. O uso somente de tecnologia não efetiva a evolução do ensino, mas o uso de modelos disruptivos, no sentido de romper, de mudar, que levam à simplificação das atividades estimulando o pensamento crítico em uma cultura em rede.

Nesse diapasão, a atual presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE) para o biênio 2020 - 2022, a Prof.^a e Socióloga Maria Helena Guimarães de Castro, em entrevista ao jornal Gazeta do Povo do Estado do Paraná (2021), afirma a importância do ensino híbrido mesmo pós pandemia, sob esse enfoque, assim se manifesta:

[...] Aprendemos muito em 2020. E, talvez, o principal legado que o último ano nos deixa é o fato de ter acelerado uma certa cultura digital na educação,

de ter nos impulsionado a desenvolver atividades não presenciais, a trabalhar o ensino híbrido. De tal modo que 2021 já começa com ensino híbrido.

Atualmente, existem ferramentas educacionais disponíveis e para a presidente do CNE, o ensino híbrido pode contribuir no pós pandemia, de forma que, mescla o ensino *on line* e o presencial. Apresenta-se como alternativa diferente, objetivando mais qualidade e eficiência.

E complementa, em outro trecho da entrevista:

A partir de agora, o Brasil, para continuar desenvolvendo o ensino híbrido - que veio para ficar e será parte integrante dos processos de ensino e aprendizagem - deverá investir pesadamente na melhoria da infraestrutura de conectividade das escolas. E esse é um assunto para todos os níveis de governo. O Executivo pode, inclusive, coordenar um grande plano de ação nacional, articulando estados e municípios, para melhorar e impulsionar a conectividade. [...] (GUIMARÃES DE CASTRO, 2021, p. 9).

Para a presidente do CNE, o ensino híbrido, será parte integrante dos processos de ensino aprendizagem e haverá um desenvolvimento para consolidação em todo o país. Ressalta também, a necessidade de um conjunto de esforços para melhorar a infraestrutura e conectividade das escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia impôs mudanças em vários segmentos da sociedade, de forma que, a educação brasileira se deparou com o ensino remoto emergencial. A excepcionalidade dessa modalidade de ensino tem o prazo enquanto perdurar a crise de saúde. Mesmo não considerando a forma perfeita para as práticas de formação dos alunos, houve percepções que o processo de ensino aprendizagem não será o mesmo no pós pandemia e esse período pode contribuir com o aperfeiçoamento do sistema educacional.

E essa reestruturação veio acompanhada de ferramentas tecnológicas e ações práticas que evitassem a estagnação dos mais variados cursos no país. Mesmo assim, ainda contamos com o problema da evasão escolar, nem todos tiveram condições suficientes de acompanhar do dia para o outro as mudanças de aulas *on line*, ou seja, sem a presença face a face do professor e de certa forma familiariedade com as ferramentas digitais. Podemos denominar de uma certa exclusão digital, uma vez que, a realidade brasileira é pautada de profundas desigualdades.

Outra quebra de paradigmas para toda a comunidade acadêmica foi se preparar às pressas e proporcionar um ensino de qualidade aos alunos. Em especial, o professor que teve por inúmeras vezes buscar qualificação sozinho, utilizando plataformas de aprendizagem, realizando gravações e fazendo postagens de aulas.

Entretanto, proporcionou uma ligação com as TDIC previstas a serem utilizadas na BNCC de forma que o ambiente escolar se torne um local de uma aprendizagem mais reflexiva e significativa. De certa forma se mostram excelentes objetos no processo de ensino aprendizagem e conseqüentemente promovem a diminuição de resistências e motivação dos alunos.

As perspectivas se mostram favoráveis à educação no sentido que já houve os impactos das mudanças, restando as adaptações e o aperfeiçoamento continuado para a construção de um cenário educacional mais eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação vem passando por muitas transformações e a atual fase que estamos vivendo nos mostra bem essa realidade. A transposição das aulas presenciais para o ensino remoto foi e está sendo uma experiência muito importante na vida de alunos e professores como relatado neste trabalho. O desafio é enorme, mas a mudança de paradigmas, é necessária no contexto de ressignificar no pós pandemia.

Estamos diante, de uma nova geração que simplifica e antecipa as situações com pensamentos rápidos, práticos, interativos e multidisciplinares. Essas são características oriundas da constante evolução da sociedade cada vez mais integrada e universalizada.

Mas, precisamos ficar atentos como professores a todas essas dificuldades apresentadas pelos alunos para planejar e organizar nossas aulas no contexto remoto e para além do remoto. O aumento do uso das TDIC veio para ficar, mas é preciso ter cautela e direcionar o seu uso com objetivos pedagógicos claros para que se tenha êxito na formação profissional.

As transformações que estão ocorrendo possam levar-nos para constantes melhorias no ensino e que possamos aprender e crescer com as experiências vividas, aprimorando assim o planejamento pedagógico. Como consequência, a entrega a sociedade de profissionais aptos para desenvolver suas atividades de maneira crítica, consciente e eficiente.

Palavras-chave: Perspectivas; Educação; Capacitação, Tecnologias digitais da informação e comunicação.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. Educação Remota: entre a ilusão e a realidade. **Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 29 set. 2021.

BACICH, Lilian. MORAN, José (orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, Lilian. Ensino híbrido: esclarecendo o conceito. **Inovação na educação**. São Paulo, 06 de junho de 2020. Disponível em: <https://lilianbacich.com/2020/09/13/ensino-hibrido-esclarecendo-o-conceito/>. Acesso em: 04 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Resolução nº 02 de dezembro de 2020**. Brasília: Ministério da Educação, 10 Dez. 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=167141-rcp002-20&category_slug=dezembro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 65^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GUIMARÃES DE CASTRO, Maria Helena. ‘Nosso grande erro foi a demora em retomar as aulas’. [entrevista cedida a] Isabelle Barone. **Gazeta do Povo**. Paraná 3 fev. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/nosso-grande-erro-foi-a-demora-em-retomar-as-aulas-diz-presidente-do-cne/>. Acesso em: 05 set. 2021.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Katálisis, Florianópolis: v. 10. 2007.